

## CAPITULO II

## PENAS E GOZOS FUTUROS

1. O nada. A vida futura. — 2. Intuição das penas e gozos futuros. — 3. Intervenção de Deus nas penas e recompensas. — 4. Natureza das penas e gozos futuros. — 5. Penas temporaes. 6. Expição e arrependimento. — 7. Duração das penas futuras. — 8. Ressurreição da carne. — 9. Paraizo, inferno e purgatorio.

## O nada. A vida futura

958. Porque razão tem o homem instintivamente horror ao nada?

«Porque o nada não existe.»

959. Donde vem ao homem o sentimento instintivo da vida futura?

«Já o dissemos: antes da sua encarnação, o espirito conhecia todas essas coisas, e a alma conserva uma vaga recordação do que sabe e do que viu no estado espirital.» (393).

Em todos os tempos o homem se preocupou com o futuro de além-túmulo, o que é muito natural. Por maior que seja a importância que ligue a vida presente, não pôde deixar de considerar quanto ella é curta, e sobretudo precaria, pois pôde ser interrompida dum momento para o outro e nunca ha certeza de que continue no dia seguinte. Que será delle depois do instante fatal? A questão é grave, pois não se trata de alguns annos, mas da eternidade. Aquelle que tem de passar longos annos num paiz estranho, inquieta-se com a posição que ahi possa ter; como, pois, não nos havemos de preoccupar com a que nos espera ao deixarmos este mundo, quando nella teremos de ficar para sempre?

A ideia do nada tem alguma coisa de repugnante á razão. O homem mais indifferente durante a vida, chegado ao momento supremo pergunta a si mesmo o que vae ser delle, e involuntariamente espera.

Crer em Deus sem admittir a vida futura seria um contrasenso. O sentimento de uma existencia melhor está no fôro intimo de todos os homens, e não foi em vão que Deus ahi o collocou.

A vida futura implica a conservação da nossa individualidade depois da morte; que nos importaria, com effeito, sobreviver ao corpo, si a nossa essencia moral houvesse de se perder no oceano do infinito? As consequencias seriam as mesmas do nada.

## Intuição das penas e gozos futuros

960. De que provém a crença, encontrada em todos os povos, das penas e recompensas futuras?

«E' ainda a mesma coisa: presentimento da realidade trazido ao homem pelo espirito nelle incarnado, pois que, attendei, não é em vão que uma voz intima vos fala; o vosso erro está em não a escutardes como deveis. Si pensasseis bem nisso, e muitas vezes, tornar-vos-íeis melhores.»

961. No momento da morte qual é o sentimento dominante na maioria dos homens: a duvida, o temor, ou a esperança?

«A duvida, nos scepticos endurecidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos homens de bem.»

962. Como pôde haver scepticos, desde que a alma traz ao homem o sentimento das coisas espirituaes?

«Ha-os menos do que se pensa; muitos apresentam-se como espiritos fortes durante a vida, por orgulho; mas no momento da morte deixam de ser fanfarrões.»

A consequencia da vida futura é a responsabilidade dos nossos actos. A razão e a justiça nos dizem que, na partilha da felicidade a que todos aspiram, os bons e os maus não podem

ser confundidos. Deus não pôde querer que uns gozem sem trabalho, dos bens por outros só alcançados com esforço e perseverança.

A ideia que Deus nos dá da sua justiça e bondade pela sabedoria das suas leis, não permite crer que o justo e o mau tenham igual classificação a seus olhos, nem duvidar que elles recebam um dia, um a recompensa, outro a punição, do bem ou do mal que tiverem feito; por isso o sentimento innato que temos da justiça, nos dá a intuição das penas e recompensas futuras.

### Intervenção de Deus nas penas e recompensas

963. Deus occupa-se pessoalmente de cada homem? Não é Elle por demais grande e nós por demais pequenos, para que cada individuo em particular tenha alguma importancia a seus olhos?

«Deus occupa-se de todos os seres creados, por mais pequenos que sejam; nada existe de pouco valor para a sua bondade.»

964. Deus precisa de se occupar de cada um dos nossos actos para nos recompensar ou punir? A maior parte desses actos não são insignificantes para Elle?

«Deus tem as suas leis que regulam todas as vossas acções: si as violaes, é vossa a culpa. Sem duvida quando um homem commette qualquer excesso, Deus não pronuncia contra elle uma sentença, dizendo-lhe, por exemplo: Foste glutão, vou punir-te; mas traçou um limite á necessidade da alimentação; as enfermidades, e algumas vezes a morte, são a consequencia dos excessos; eis a punição; esta é o resultado da infração, e assim por diante.»

Todas as nossas acções estão submittidas ás leis de Deus; todas, *por mais insignificantes que nos pareçam*, podem ser uma violação dessas leis. Si soffremos as consequencias dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que somos assim os fautores da nossa felicidade ou desdita futura.

Esta verdade torna-se sensível pelo apologo seguinte:

«Um pae deu a seu filho a educação e a instrução, isto é, os meios para se saber conduzir. Cedeu-lhe um campo para cultivar, e disse-lhe: Aqui tens a regra a seguir e todos os instrumentos necessarios para tornares este campo fertil e te assegurar a existencia. Dei-te a instrução para comprehenderes esta regra: si a seguires, o teu campo produzirá muito e te proporcionará o descanso quando fores velho; do contrario, nada te produzirá e morrerás de fome. Dito isto, deixou-o proceder á vontade.»

Não é verdade que esse campo produzirá na razão dos cuidados empregados na sua cultura e que qualquer negligencia será em prejuizo da colheita? O filho, quando velho, será feliz ou infeliz, conforme tenha seguido ou desprezado a regra traçada por seu pae. Deus é ainda mais providente, porque nos adverte a cada instante si fazemos o bem ou o mal; envia-nos espiritos para nos inspirarem, mas nós não os escutamos. Ha ainda outra differença; Deus dá sempre ao homem o recurso de novas existencias para poder reparar os erros passados, ao passo que o filho de que falamos não tem outro recurso si empregou mal o tempo.

### Natureza das penas e gozos futuros

965. As penas e gozos da alma depois da morte têm alguma coisa de material?

«Não podem ser materiaes, pois a alma não é materia: o bom senso o diz. Taes penas e gozos nada têm de carnal, e entretanto são mil vezes mais vivas do que as que experimentaes na terra, visto que o espirito, uma vez livre, é mais impressionavel; a materia já lhe não embota as sensações.» (237 a 257).

966. Porque razão o homem fórma das penas e gozos da vida futura uma ideia ás vezes tão grosseira e absurda?

«Intelligencia que não está ainda sufficientemente desenvolvida. Tem a creança a mesma comprehensão que o adulto? Demais, isso depende tambem do que lhe ensinaram; é neste ponto que ha necessidade de uma reforma.

«A vossa linguagem é muito incompleta para exprimir o que está fóra do vosso alcance; tornou-se pois necessário recorrer a comparações, e são essas imagens e figuras o que haveis tomado pela realidade; á medida, porém, que o homem se esclarece, o seu pensamento comprehende as coisas que a linguagem não póde exprimir.

967. Em que consiste a felicidade dos bons espiritos?

«Em conhecerem todas as coisas, em não terem odio, ciúme, inveja, ambição, nem paixão alguma das que acarretam a desgraça dos homens. O amor que os une é para elles fonte de suprema felicidade. Não sentem as necessidades, nem os soffrimentos, nem as angustias da vida material; são felizes pelo bem que fazem; de resto, a felicidade dos espiritos é sempre proporcionada á sua elevação. E' verdade que só os espiritos puros gozam da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes; entre os maus e os perfeitos ha uma infinidade de gradações nas quaes os gozos são relativos ao estado moral. Os que já são bastante adiantados comprehendem a felicidade daquelles que chegaram antes delles, e aspiram-na, mas isso lhes é motivo de emulação e não de inveja; sabem que depende delles attingil-a, e trabalham para esse fim, com a calma da consciencia tranquiila, e são felizes por não terem de soffrer o que soffrem os maus.»

968. Collocaes a ausencia das necessidades materiaes no numero das condições da felicidade dos espiritos; mas a satisfação dessas necessidades não é para o homem uma fonte de gozos?

«Sim, os gozos do animal, sendo que, quando já não podeis satisfazer essas necessidades, passam a ser tortura.»

969. Que devemos entender quando se diz que os espiritos puros estão reunidos no seio de Deus e occupados em lhe cantar louvores?

«E' uma allegoria pintando o conhecimento que elles têm das perfeições de Deus, porque o vêem e comprehendem; mas essa allegoria, como muitas outras, não deve ser tomada ao pé da letra. Tudo na natureza, desde o infimo grão de areia, canta, isto é, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus; mas não creiais que os espiritos bemaventurados estejam em contemplação por toda a eternidade; seria uma felicidade estúpida e monotona; seria, além disso, a felicidade do egoista, pois a sua existencia se tornaria uma inutilidade sem termo. Não soffrem as tribulações da existencia corporal, o que é já um gozo; e depois, como dissemos, conhecem e sabem todas as coisas; aproveitam-se da intelligencia adquirida para auxiliarem os progressos dos outros espiritos; é a sua occupação com que, ao mesmo tempo, sentem prazer.»

970. Em que consistem os soffrimentos dos espiritos inferiores?

«São tão variados como as causas que os produzem, e proporcionados ao grau de inferioridade, como os gozos o são ao de superioridade; podem resumir-se assim: inveja de tudo o que lhes falta para serem felizes sem poderem obtel-o; contemplação da felicidade sem poderem alcançal-a; pezar, inveja, raiva, desespero por tudo quanto os impede de serem felizes; remorsos, anciedade moral indefinivel. Têm o desejo de todos os gozos e não podem satisfazel-os; é isso o que os tortura.»

971. A influencia que os espiritos exercem uns sobre outros é sempre boa?

«Sempre boa da parte dos bons espiritos, o que era escusado dizer-se; mas os perversos buscam desviar do caminho do bem e do arrependimento aquelles que julgam susceptiveis de se deixarem arrastar, e que muitas vezes conduziram ao mal durante a vida terrena.»

— Assim, a morte não nos liberta da tentação?

«Não; mas a acção dos maus espiritos é muito

menor sobre os outros espiritos do que sobre os homens, porque não têm por auxiliares as paixões materiaes.» (996).

972. Que meios empregam os espiritos maus para tentarem os outros espiritos, uma vez que não têm o auxilio das paixões?

« Si as paixões não existem materialmente, existem ainda no pensamento dos espiritos atrazados; os maus alimentam esses pensamentos arrastando as suas victimas aos logares onde encontram o espectáculo dessas paixões e de tudo que pôde estimulal-as.»

— Mas de que lhes servem essas paixões, uma vez que já não têm objecto real?

« E' justamente esse o seu supplicio; o avarento vê o ouro que já não pôde possuir; o devasso, orgias em que não pôde tomar parte; o orgulhoso, honras que inveja e que não pôde desfructar.»

973. Quaes são os maiores soffrimentos por que podem passar os espiritos maus?

« Não ha descripção possivel das torturas moraes com que são punidos certos crimes; mesmo aquelle que as experimenta teria difficuldade em dar-vos dellas uma ideia; mas seguramente o mais terrivel é o pensarem que estão condemnados sem remissão.»

O homem faz das penas e gozos da alma depois da morte uma ideia mais ou menos elevada, conforme o estado da sua intelligencia. Quanto mais elle se desenvolve, mais essa ideia se eleva e desmaterializa; vae comprehendendo as coisas sob uma forma mais racional, e deixa de tomar ao pé da letra as imagens da lingua figurada. A razão, mais esclarecida, fazendo-nos vêr que a alma é um ser inteiramente espirital, afirma implicitamente que ella não pôde ser affectada pelas impressões attinentes a materia; mas não se segue dahi que esteja isenta de soffrimentos nem que deixe de soffrer a punição das suas faltas. (237).

As communicações espiritas têm como resultado mostrarmos o estado futuro da alma, não já como theoria, mas como realidade; apresentam a nossos olhos todas as peripecias da vida de além-tumulo; mas ao mesmo tempo mostram-nos essas

peripecias como consequencias perfeitamente logicas da vida terrestre e, embora despidas do aparato fantastico creado pela imaginação dos homens, ellas não são por isso menos penosas para aquelles que fizerem mau uso das suas faculdades. A diversidade dessas consequencias é infinita; mas pôde dizer-se, em theso geral, que cada um é punido por onde peccou; é assim que uns o são pela presença incessante do mal que fizeram; outros, pelos remorsos, o temor, a vergonha, a duvida, o isolamento, as trevas, a separação dos seres amados, etc.

974. Onde nasceu a doutrina do fogo eterno?

« Imagem, como tantas outras, tomada como realidade.»

— Mas esse temor não terá algum resultado bom?

« Vêde si elle tem grande acção, mesmo sobre aquelles que o ensinam. Si ensinardes coisas que a razão tenha de rejeitar mais tarde, fareis uma impressão que nem será duradoura nem salutar.»

O homem, pela sua linguagem, impotente para dar ideia da natureza desses soffrimentos, não encontrou comparação mais energica do que a do fogo, porque, para elle, o fogo é o tipo do mais cruel supplicio e o symbolo da acção mais violenta; eis porque a crença no fogo eterno remonta á mais alta antiguidade, de que os povos modernos herdaram tal crença; é por isso também que, na sua linguagem figurada, diz: o fogo das paixões, arder em amor, em ciúme, etc.

975. Os espiritos inferiores comprehendem a fidelidade do justo?

« Sim, e é o que os mortifica, pois comprehendem que estão privados della por propria culpa; é por isso que o espirito, quando desprendido da materia, aspira a uma nova existencia corporal, porque em cada existencia, quando bem empregada, pôde abreviar um tanto a duração desse supplicio. E' então que escolhe privações pelas quaes possa expiar as suas faltas; pois, sabe-o claramente, o espirito soffre por todo o maleficio que fez, ou de que foi causa voluntaria, por

todo o bem que pôde fazer e não fez e *por todo o mal resultante do beneficio que deixou de fazer.*

« Para o espirito errante levantou-se o veio: *está como se soubesse de um nevoeiro* e vê o que o afasta da felicidade; então soffre mais, por comprehender o quanto foi culpado. Para elle *já não ha illusão*: vê a realidade das coisas.»

O espirito na erraticidade abrange de um lado todas as existencias passadas, e do outro vê o futuro promettido, comprehendendo o que lhe falta para alcançá-lo. Tal o viajante que chegasse ao vertice de uma montanha, vendo o caminho percorrido e o que lhe resta percorrer para chegar ao seu destino.

976. O espectaculo dos espiritos que soffrem não é para os bons uma causa de afflicção? Que felicidade é então a delles quando perturbada?

« O seu sentimento não pôde ser afflicção, pois sabem que esse mal terá fim: ajudam os outros a tornarem-se melhores e estendem-lhes a mão; essa é a sua occupação e o seu prazer quando o conseguem. »

— Concebe-se da parte de espiritos estranhos ou indifferentes; mas a vista das maguas e dos soffrimentos daquelles a quem amaram na terra não lhes perturba a felicidade?

« Si elles não vissem esses soffrimentos é que vos seriam estranhos depois da morte; ora, a religião vos diz que as almas vos vêem; ellas porém consideram as vossas afflicções sob outro aspecto; sabem que esses soffrimentos são uteis ao vosso adiantamento, quando os supportardes com resignação; affligem-se mais com a falta de coragem, que vos retarda, que propriamente com os vossos soffrimentos, que são passageiros.»

977. Não podendo os espiritos occultar reciprocamente os pensamentos, e sendo conhecidos todos os actos da sua vida, segue-se que o culpado está perpetuamente em presença da sua victima?

« Não pôde ser de outro modo, o bom senso o diz. »

— Essa divulgação de todos os nossos actos reprehensíveis, e a presença perpetua daquelles que delles foram victimas são o castigo para o culpado?

« Maior do que se pensa; mas sómente até que tenha expiado as suas faltas, seja como espirito, seja como homem, em novas existencias corporaes. »

Quando nos achamos no mundo dos espiritos, estando todo o nosso passado a descoberto, o bem e o mal que fizemos são por igual conhecidos. Em vão quererá aquelle que fez mal escapar á vista das suas victimas: a sua presença inevitavel será para elle um castigo e um remorso incessante até que tenha expiado as suas faltas, ao passo que o homem de bem, ao contrario, só encontrará por toda a parte olhares amigos e carinhosos.

Para o malvado não ha maior tormento na terra do que a presença das suas victimas; por isso as evita quanto pôde. Que será quando, dissipada a illusão das paixões, elle comprehender o mal que fez, quando vir descobertos os seus actos mais secretos, desmascada a sua hypocrisia, sem que possa subtrahir-se á sua presença? Enquanto a alma do homem perverso é preza da vergonha, da magua e do remorso, a do justo goza de perfeita serenidade.

978. A lembrança das faltas que a alma commetteu quando imperfeita não lhe perturba a felicidade mesmo depois de se ter purificado?

« Não, porque resgatou essas faltas e sahiu victoriosa das provas a que se submetteu *para esse fim.* »

979. As provas por que a alma tem de passar para completar a sua pureza não despertam uma apprehensão penosa que lhe perturbe a felicidade?

« Para a alma ainda maculada, sim; tanto que ella não goza de perfeita felicidade sinão quando inteiramente purificada; mas para aquella que já é elevada, o pensamento das provas que lhe restam nada tem de penoso. »

A alma que chegou a certo grau de pureza goza já da felicidade; um sentimento de doce satisfação a penetra; é feliz por

tudo o que vê, por tudo quanto a rodeia; levanta-se-lhe o véo que lhe occultava os mysterios e maravilhas da criação, e as perfeições divinas apparecem-lhe em todo o seu esplendor.

980. O laço sympathico que liga os espiritos da mesma ordem torna-se-lhes uma fonte de felicidade?

«A união dos espiritos sympathicos *no bem* é para elles um dos maiores gozos, porque não receiam vêr essa união perturbada pelo egoismo. Formam, no mundo inteiramente espiritual, familias de igual sentimento, e nisso consiste a felicidade espiritual, como nesse mundo vos agrupaes por categorias e sentis certo prazer quando estaes reunidos. A afeição para e sincera que elles experimentam e de que são objecto, é fonte de felicidade, porque ali não ha falsos amigos nem hypocritas.»

O homem goza das primicias dessa felicidade na terra quando encontra almas com as quaes se possa confundir em união pura e santa. Em uma vida mais apurada, esse gozo será ineffavel e sem limites, porque não encontrará sinão almas sympathicas *que o egoismo não poderá esfriar*; pois tudo é amor na natureza: o egoismo é que o mata.

981. Para o estado futuro do espirito ha alguma differença entre aquelle que em vida teme a morte e o que a contempla com indifferença, e mesmo com satisfação?

«A differença pôde ser muito grande; entretanto, frequentemente desaparece ante as causas que produzem esse temor ou desejo. Quer temendo-a, quer desejando-a, pôde ser movido por sentimentos muito diversos, os quaes influem no estado do espirito. E' evidente, por exemplo, que naquelle que deseja a morte unicamente por vêr nella o termo das suas tribulações, ha uma especie de murmuração contra a Providencia e contra as provas que lhe cumpre soffrer.»

982. E' necessario professar o Espiritismo e crer

nas suas manifestações para assegurarmos a nossa sorte na vida futura?

«Si assim fosse, seguir-se-ia que todos quantos não crêem ou não tiveram occasião de se esclarecer, ficariam desherdados, o que seria absurdo. E' o bem que assegura a sorte futura: ora o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a elle conduza.» (265-799).

A crença no Espiritismo auxilia o melhoramento do homem firmando as ideias a respeito de certos pontos do futuro; apressa o progresso dos individuos e das massas, porque permite o conhecimento do que seremos um dia; é um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina a supportar as provas com paciencia e resignação, desvia-nos dos actos que possam retardar a nossa felicidade futura; deste modo contribue para essa felicidade, mas não se segue que sem essa crença se não possa chegar ao mesmo fim.

### Penas temporaes

983. O espirito que expia as suas faltas em uma nova existencia passa por soffrimentos materiaes; é pois exacto que depois da morte a alma só tem soffrimentos moraes?

«E' bem verdade que, quando a alma está reincarnada, as tribulações da vida são para ella um soffrimento; mas só o corpo soffre materialmente.

«Dizeis muitas vezes que quem morre nada mais soffre, mas nem sempre é exacto. Como espirito, não tem mais dores physicas; mas, consoante as faltas que commetteu, pôde tel-as moraes, mais pungentes, e em uma nova existencia ser ainda mais infeliz. O mau rico pedirá esmola, e estará em lucta com todas as privações da miseria; o orgulhoso com todas as dores da humilhação; aquelle que abusa da sua autoridade e trata os subordinados com desprezo e rispidez, ver-se-á forçado a obedecer a um senhor mais severo do

que foi. Todas as penas e tribulações da vida são a expiação das faltas de outra existencia, quando não a consequencia das faltas da vida actual. Quando tiverdes sahido dahi comprehendel-o-eis. (273, 393 e 399).

«O homem que se julga feliz na terra, porque pôde satisfazer as suas paixões, é o que menos esforços faz para se melhorar. Muitas vezes expia logo desde esta vida essa felicidade ephemera, ou então com certeza a expiará em outra existencia igualmente material.»

984. As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas actuaes?

«Não; já o dissemos; são provas impostas por Deus ou escolhidas por vós mesmos no estado espirital e antes da incarnação para expiar faltas commetidas em outra existencia, visto como jamais a infracção ás leis de Deus, e sobretudo á lei da justiça, fica impune; si a punição não vier nesta vida, virá necessariamente em outra; é por isso que o justo aos vossos olhos, pôde estar soffrendo pelo seu passado.» (393).

985. A reincarnação da alma em mundo menos grosseiro é uma recompensa?

«E' a consequencia da sua depuração; pois á medida que os espiritos se depuram, incarnam-se em mundos cada vez mais perfeitos, até que se tenham despojado inteiramente da materia e se hajam lavado de todas as impurezas para gozarem eternamente da felicidade dos espiritos puros, no seio de Deus.»

Nos mundos onde a existencia é menos material do que na terra, as necessidades são menos grosseiras e todos os soffrimentos physicos menos vivos. Os homens não mais conhecem as más paixões que, nos mundos inferiores, os tornam inimigos uns dos outros. Não tendo motivo algum de odio ou de inveja, vivem em paz reciproca, porque praticam a lei de justiça, amor e caridade: não conhecem o aborrecimento e os cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoismo, fazendo o tormento da nossa existencia terrestre. (172-182).

986. O espirito que progrediu na sua existencia terrestre pôde ainda ter de reincarnar-se no mesmo mundo?

«Sim, si não pôde realizar a sua missão, podendo elle mesmo pedir para completal-a em nova existencia; mas então essa vida já não é uma expiação.» (173).

987. Que acontece ao homem que, sem fazer mal, nada fez para sacudir a influencia da materia?

«Uma vez que nada avançou para a perfeição tem de recommençar uma existencia identica á que deixou; fica estacionario, e assim prolonga os soffrimentos da expiação.»

988. Ha pessoas cuja vida decorre em perfeita calma; que, nada precisando fazer por si mesmas, estão isentas de cuidados. Esta existencia feliz prova que nada têm a expiar de outra existencia anterior?

«Conheceis muitos desses? Si o pensaes, enganades-vos frequentemente; essa calma só é apparente. Podem ter escolhido essa existencia; mas quando a deixam comprehendem que ella não lhes serviu para progredirem, e então, como o preguiçoso, lamentam o tempo perdido. Sabei que o espirito não pôde adquirir conhecimentos e elevar-se senão pela actividade; se adormece na indolencia, não avança. E' semelhante áquelle que, segundo os vossos usos, tem necessidade de trabalhar, e vae passear ou deitar-se, com a intenção de não fazer coisa alguma. *Sabei tambem que cada qual terá de prestar contas da inutilidade voluntaria de sua existencia, inutilidade sempre fatal para a felicidade futura.* A somma da felicidade futura está na razão do bem que se houver praticado; a da infelicidade, na razão do mal e dos infelizes que se houver feito.

989. Ha pessoas que, posto não sejam positivamente más, tornam infelizes, pelo seu character, aquelles que as rodeiam; qual a consequencia?

«Essas pessoas certamente não são boas, e expial-o-ão pela presença daquelles a quem tornaram infelizes, o que será para elles uma exprobração; além disso, em outra existencia soffrerão o mesmo que fizeram soffrer.»

### Expição e arrependimento

990. O arrependimento tem logar no estado corporal ou no espirital?

«No espirital; mas póde tambem ter logar no estado corporal quando comprehenderdes bem a differença entre o bem e o mal.»

991. Qual a consequencia do arrependimento no estado espirital?

«O desejo, da parte do arrependido, de nova incarnação para se purificar. O espirito comprehende as imperfeições que o privam de ser feliz, e por isso aspira a uma nova existencia na qual possa expiar as suas faltas.» (332-975).

992. Qual a consequencia do arrependimento no estado corporal?

*Avançar desde a vida presente, si nella houver tempo de reparar as faltas. Quando a consciencia accusa de alguma falta e mostra alguma imperfeição, é sempre possivel o melhoramento.* »

993. Não ha homens que só têm o instincto do mal, e, portanto, inacessiveis ao arrependimento?

«Tenho dito que se deve progredir sem cessar. Aquelle que, nesta vida, só tem o instincto do mal, em outra terá o do bem, e é para isso que renasce varias vezes, pois é necessario que todos avancem e attingam o fim; a differença está em que uns o fazem em tempo mais curto, e outros em tempo mais longo, segundo o seu desejo; aquelle que só tem o instincto do bem, já está depurado, pois póde ter tido o do mal em anterior existencia.» (804).

994. O homem perverso, que não reconhece as proprias faltas durante a vida, reconhecel-as-á forçosamente depois da morte?

«Sim, e então soffre mais porque *resente todo o mal que fez* ou de que foi causa voluntaria. Entretanto, o arrependimento não é sempre immediato; ha espiritos que, apesar dos soffrimentos, se obstinam no mau caminho; mas, cedo ou tarde, reconhecerão a falsa via em que se internaram, e o arrependimento virá. E' para os esclarecer que os bons espiritos trabalham, e que vós podeis trabalhar tambem.»

995. Haverá espiritos que, sem serem maus, fiquem indifferentes á propria sorte?

«Ha-os que se não occupam de coisa alguma util; conservam-se na expectativa; mas nesse caso soffrem proporcionalmente, e como deve haver progresso em tudo, este progresso manifesta-se pela dôr.»

— Taes espiritos não sentem desejo de abreviar os soffrimentos?

«Sem duvida que o sentem, mas carecem da sufficiente energia para quererem o que os poderia alliviar. Quantas pessoas existem entre vós que preferem morrer de miseria a trabalhar?»

996. Pois que os espiritos vêem o mal que lhes resulta das suas imperfeições, como é que os ha que aggravam a sua posição e prolongam o estado de inferioridade fazendo o mal como espiritos e desviando os homens do bom caminho?

«Aquelles cujo arrependimento é tardio são os que assim procedem. O espirito arrependido póde em seguida deixar-se arrastar de novo para o caminho do mal por 'outros espiritos ainda mais atrasados.» (971).

997. Vemos espiritos de manifesta inferioridade accessiveis aos bons sentimentos e tocados das preces que por elles se fazem. Qual a razão porque outros mais esclarecidos, mostram um endurecimento e cynismo dos quaes coisa alguma póde triumphar?

«A prece não tem effeito sinão em favor do espirito que se arrepende; sobre aquelle que, im pellido pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste nos desregramentos, exagerando-os ainda, como fazem os espiritos desgraçados, a prece nada influe, e na da poderá influir emquanto nelles se não manifestar algum vislumbre de arrependimento.» (664).

Deve ter-se em vista que o espirito, depois da morte do corpo, não é subitamente transformado; si a sua vida foi reprehensível, é porque era imperfeito; ora, a morte não o torna immediatamente perfeito; pôde persistir nos seus erros; nas suas falsas opiniões e prejuizos, até que se tenha esclarecido pelo estudo, reflexão e soffrimento.

998. A expiação effectua-se no estado corporal ou no espiritual?

«Effectua-se durante a existencia corporal pelas provas a que o espirito é submettido, e na vida espiritual pelos soffrimentos moraes inherentes ao seu estado de inferioridade.»

999. Basta o arrependimento sincero durante a vida para apagar as faltas e alcançar o perdão perante Deus?

«O arrependimento ajuda ao melhoramento do espirito; mas o passado tem de ser expiado.»

— Assim, si um criminoso suppozesse desnecessario o arrependimento por ter de expiar fatalmente o passado, que lhe adviria de tal supposição?

«Persistindo na ideia do mal, a expiação lhe será mais longa e mais penosa.»

1000. Podemos nós desde esta vida resgatar as proprias faltas?

«Sim, reparando-as; mas não julgueis que as resgataes com algumas privações pueris ou determinando donativos para depois da morte quando já de nada precisaes. Deus não leva em conta um arrependimento pueril, sempre facil, e que não custe sinão o traba-

lho de bater nos peitos. A perda de um pequeno dedo prestando um serviço apaga mais faltas do que o supplicio do cilicio durante annos, sem outro fim que o beneficio do proprio paciente. (726).

«O mal só pôde ser reparado pelo bem, e a reparação não tem merito algum quando não attinge o homem *no seu orgulho ou nos seus interesses materiaes.*

«De que lhe serve para sua justificação, restituir depois da morte os bens mal adquiridos, quando estes se lhe tornam inuteis e depois de aproveitados?

«De que lhe serve a privação de alguns gozos futeis, de algumas superfluidades, si o mal que fez a outrem fica sendo o mesmo?

«De que lhe serve finalmente, humilhar-se perante Deus, si conserva o orgulho perante os homens?» (720-721).

1001. Nenhum merecimento tem o assegurarmos, para depois da morte, um emprego util dos bens que possuimos?

«Nenhum merecimento não é o termo; sempre vale mais isso do que nada; mas infelizmente, aquelle que só dá por morte é, muitas vezes, mais egoista do que generoso; quer ter a honra de haver feito bem sem ter o trabalho que elle custa. Aquelle que dos bens se priva em vida tem o duplo proveito: o merito do sacrificio e o prazer de vêr os felizes que faz. Mas lá está o egoismo dizendo-lhe: o que dás é o que supprimes dos teus gozos; e quando a voz do egoismo é mais forte que a do desinteresse e da caridade, abstem-se de dar sob pretexto das suas necessidades e das exigencias da sua posição. Ah! lamentae aquelle que não conhece o prazer de dar; esse é verdadeiramente desherdado de um dos gozos mais puros e suaves. Deus, submettendo-o á prova da fortuna, tão difficil e perigosa para o seu futuro, quiz dar-lhe em compensação a ventura da generosidade que elle pôde gozar já, desde este mundo.»

1002. Que deve fazer aquelle que, em artigo de morte, reconhece as suas faltas mas não tem tempo de as reparar? Basta, neste caso, arrepender-se?

«O arrependimento apressa-lhe a reabilitação, mas não o absolve. Não tem elle o futuro diante de si, o qual jámais lhe é cerrado?»

### Duração das penas futuras

1003. A duração dos soffrimentos do culpado, na vida futura, é arbitraria ou subordinada a uma lei qualquer?

«Deus nunca obra por capricho, e tudo, no universo, é regido por leis em que se revelam a sua sabedoria e bondade.»

1004. Em que se baseia a duração dos soffrimentos do culpado?

«No tempo necessario para o seu melhoramento. Sendo o estado de soffrimento ou de felicidade proporcionado ao grau de depuração do espirito, a duração e natureza dos soffrimentos dependem do tempo que elle gasta em se melhorar. A' medida que progride e os seus sentimentos se purificam, os soffrimentos diminuem e mudam de natureza.»

S. LUIZ.

1005. Ao espirito soffredor, o tempo parece mais ou menos longo do que quando vivia?

«Mais longo; o somno não existe para elle. Não é sinão para os espiritos chegados a certo grau de depuração que o tempo se apaga, por assim dizer, diante do infinito.» (240).

1006. A duração dos soffrimentos do espirito pôde ser eterna?

«Sem duvida que, si elle fosse eternamente mau, isto é, si nunca se arrependesse nem melhorasse, soff-

reria eternamente; mas Deus não creou seres votados perpetuamente ao mal; apenas os formou simples e ignorantes, e todos devem progredir em tempo, mais ou menos longo, dependente da vontade. A volição pôde ser mais ou menos tardia, como ha creanças mais ou menos precoces, mas ella vem, cedo ou tarde, pela irresistivel necessidade que o espirito sente de sahir da inferioridade e de ser feliz. A lei que rege a duração das penas é, pois, eminentemente sábia e benevola, visto que subordina essa duração aos esforços do espirito, não lhe tira nunca o seu livre arbitrio; si o espirito faz mau uso d'elle, soffre-lhe as consequências.»

S. LUIZ.

1007. Ha espiritos que nunca se arrependam?

«Alguns ha cujo arrependimento é muito tardio; mas preterder que nunca se melhorassem, seria negar a lei do progresso e dizer que a creança não pôde chegar a adulto.»

S. LUIZ.

1008. A duração das penas depende sempre da vontade do espirito? Não haverá algumas que lhe sejam impostas por dado tempo?

«Sim, as penas podem ser-lhe impostas por determinado tempo; mas Deus, que só quer o bem de suas creaturas, acolhe sempre o arrependimento, e o desejo de progresso nunca é esteril.»

S. LUIZ.

1009. Segue-se então que as penas nunca são impostas para a eternidade?

«Interrogae o vosso bom senso, a vossa razão, e perguntae a vós mesmos si uma condemnação perpetua por alguns momentos de erro não seria a negação da bondade de Deus. O que é com effeito a du-

ração da vida, mesmo centenaria, em relação á eternidade? Eternidade! Compreendeis bem esta palavra? Soffrimentos, torturas sem fim, sem esperança, por algumas faltas! O vosso raciocinio não repelle tal pensamento? Que os antigos tenham visto no senhor do universo um Deus terrivel, ciumento e vingativo, comprehende-se; na sua ignorancia, afigurava-se-lhes a divindade com paixões como as dos homens. Mas não é esse o Deus dos christãos, que colloca o amor, a caridade, a misericordia, o esquecimento das offensas na ordem das primeiras virtudes. Poderiam faltar em Deus as qualidades que Elle impõe como dever ás suas creaturas? Não haverá contradicção em se lhe attribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Dizeis que antes de tudo elle é justo, e que o homem não comprehende a sua justiça; mas a justiça não exclue a bondade, e Deus não seria bom si condemnasse a horriveis penas perpetuas, a maior parte das suas creaturas. Poderia Elle impor a seus filhos a obrigação da justiça, si lhes não tivesse dado os meios de comprehendel-a? Além disso, não será o sublime da justiça unida á bondade fazer que a duração das penas dependa dos esforços do culpado para que se melhore? E' nisto que está a verdade das palavras: A cada um segundo as suas obras.»

SANTO AGOSTINHO.

«Trabalhae, por todos os meios ao vosso alcance, em combater, em destruir a ideia da eternidade das penas—pensamento blasphematorio perante a justiça e bondade de Deus, e fonte a mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indifferença que têm invadido as massas desde que a sua intelligencia começou a desenvolver-se. O espirito, prestes a esclarecer-se —e para isto bastava que estivesse apenas desbastado—comprehendeu logo essa monstruosa injustiça; a sua razão repelle-a, e então raramente deixa de confundir

em um mesmo ostracismo a pena que o revolta e o Deus a quem a attribue; dali os males sem numero que cahiram sobre vós e aos quaes viemos trazer-vos o remedio. A tarefa que vos indicamos ser-vos-á relativamente facil, porquanto todas as autoridades em que se apoiam os defensores dessa crença, evitaram pronunciar-se formalmente; nem os concilios, nem os Padres da Igreja resolveram essa grave questão. Si, segundo os proprios Evangelhos, e tomando ao pé da letra as palavras emblematicas do Christo, Elle ameaçou os culpados com um fogo que se não extingue, com um fogo eterno, nada ha em suas palavras que prove tenha-os Elle condemnado *eternamente*.

«Pobres ovelhas desgarradas, vêde aproximar-sevos o bom Pastor que, longe de vos querer banir para sempre da sua presença, vem elle mesmo ao vosso encontro para vos conduzir ao aprisco. Filhos prodigos, deixae o vosso exilio voluntario; voltae os passos para a casa paterna onde o Pae vos espera com os braços abertos e sempre prompto a festejar a vossa volta á familia.»

LAMENNAIS.

«Guerras de palavras! guerras de palavras! não é ainda bastante o sangue que tendes feito derramar? quereis ainda voltar a accender as fogueiras? Discute-se sobre as palavras: eternidade das penas, eternidade dos castigos; não sabeis então que o que entendeis hoje por *eternidade* não tinha o mesmo sentido entre os antigos? Consulte as origens o theologo e, como todos vós, reconhecerá que o texto hebreu não dava a mesma significação á palavra, que os gregos, os latinos e os modernos traduziram por *penas sem fim, irremissiveis*. A eternidade dos castigos corresponde á eternidade do mal. Sim, enquanto o mal, existir entre os homens, os castigos subsistirão; é no sentido relativo que cumpre interpretar os textos sagrados. A

eternidade das penas é relativa e não absoluta. Ao chegar o dia em que todos os homens se revistam, pelo arrependimento, da tunica da innocencia, não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. A vossa razão humana na verdade é limitada; mas, tal como é, constitue um presente de Deus, e com o auxilio da razão não haverá um unico homem de boa fé que comprehenda de outro modo a eternidade dos castigos. A eternidade dos castigos! Que! Seria preciso tambem que o mal fosse eterno. Só Deus é eterno e não podia ter creado o mal eterno; para isso, seria preciso arrancar-lhe o mais precioso dos attributos: o soberano poder, pois Elle não seria soberanamente poderoso si creasse um elemento destruidor das suas obras. Humanidade! humanidade! não mais mergulhes os teus taciturnos olhares nas profundezas da terra buscando ahi os castigos; chora, espera, expia e refugia-te na ideia de um Deus infinitamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo.

#### PLATÃO.

«Gravitar para a unidade divina, tal é o alvo da humanidade; para lá chegar tres coisas são necessarias: a justiça, o amor e a sciencia; tres coisas lhe são oppostas e contrarias: a ignorancia, o odio e a injustiça. Pois bem! digo-vos na verdade, que mentis a esses principios fundamentaes compromettendo a ideia de Deus pela exaggeração da sua severidade; comprometteis duplamente essa ideia deixando penetrar no espirito da creatura que ha nesta mais clemencia, mansidão, amor e verdadeira justiça do que aquella que attribuis ao Ser infinito; destruis mesmo a ideia do inferno tornando-o ridiculo e inadmissivel ás vossas crenças, como o é a vossos corações o horrendo espectáculo dos algozes, das fogueiras e das torturas da idade média! Pois que! E' quando a era das represalias cégas está para sempre banida das le-

gisações humanas, que esperaes mantel-a no ideal? Oh! acreditae-me, irmãos em Deus e em Jesus Christo, acreditae-me, ou resignae-vos a deixar morrer em vossas mãos todos os vossos dogmas antes que deixal-os variar, ou então revivificae-os abrindo-os aos benéficos effluvios que os Bons derramam por sobre elles neste momento. A ideia do inferno com as suas fornalhas ardentes, com as suas caldeiras ferventes, pôde ser tolerada, isto é, perdoavel em um seculo de ferro; mas no seculo dezenove, ella não é senão um vago fantasma proprio, quando muito, para assustar crianças que nelle deixam de crer logo que podem julgar. Persistindo nessa mythologia horrorosa, engendraes a incredulidade, mãe de toda a desorganização social; tremo ao ver toda uma ordem social abalada e ruindo pela base por falta de sancção penal. Portanto, homens de fé ardente e viva, guarda avançada no dia da luz, á obra! não para manter fabulas caducas e d'ora avante desacreditadas, mas para reavivar, revivificar a verdadeira sancção penal sob fórmas em relação com os vossos costumes e sentimentos e com as luzes da vossa epoca.

«Qual é, com effeito, o culpado? E' aquelle que, por um desvio, por um falso movimento d'alma se afasta do fim da criação, que consiste no culto harmonioso do bello, do bem, idealizados pelo archétypo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Christo.

«O que é o castigo? E' a consequencia natural, derivativa desse falso movimento; uma somma de dôres necessarias para o desgostar da sua deformidade, pela-experimentação do soffrimento. O castigo é o aguilhão que excita a alma, pela amargura, a dobrar-se sobre si mesma e buscar o porto de salvamento. O fim do castigo é a rehabilitação, o libertamento. Querer que o castigo seja eterno por uma falta transitoria, é negar-lhe toda a razão de ser.

«Oh! Eu vos digo na verdade, cessae, cessae de

pôr em parallelo, em sua eternidade, o Bem, essencia do Creador, com o Mal, essencia da creatura; isso seria crear uma penalidade injustificavel. Affirmae, ao contrario, a extincção gradual dos castigos e das penas pelas transmigrações, e consagrareis, com a razão unida ao sentimento, a unidade divina.»

### PAULO, APOSTOLO.

Procura-se estimular o homem ao bem e desviar-o do mal pelo attractivo de recompensas e temor de castigos, mas si esses castigos se lhe apresentarem de maneira que a razão se recuse a acreditar-os, não terão sobre elle influencia alguma: logo disso, rejeitará tudo: a forma e o fundo. Si pelo contrario, si lhe apresentar o futuro de maneira logica, elle não o repellido. E' o que o Espiritismo faz.

A doutrina da eternidade das penas, no sentido absoluto, faz do ente supremo um Deus implacavel. Seria logico dizer-se que um soberano é muito bom, muito benevolo, muito indigente, que só quer a felicidade daquelles que o cercam, mas que, ao mesmo tempo, é cioso, vingativo, inflexivel em seu rigor, e que pune com atrozes supplicios tres quartas partes dos seus vassallos por uma offensa ou infracção das suas leis, mesmo daquelles que delinquiram por desconhecem essas leis? Não seria uma contradicção? Ora, pôde admittir-se que Deus seja menos bom que um homem?

Outra contradicção se apresenta aqui. Pois que Deus sabe tudo, sabia, ao crear uma alma, que ella faltaria aos seus deveres, e portanto essa alma foi, desde a sua creação, votada á desgraça eterna; será possivel, será racional? Com a doutrina das penas relativas tudo se justifica. Deus sabia, sem duvida, que essa alma cahiria em faltas, mas dá-lhe os meios de se esclarecer pela propria experiencia e por essas mesmas faltas; é necessario que ella expie os seus erros para melhor se fortificar no bem; mas a porta da esperanza nunca lhe é fechada para sempre, e Deus faz depender o momento da libertação dos esforços que ella emprega para alcançar. Eis o que todos podem comprehender, e o que a logica mais meticulosa pôde admittir. Si as penas futuras tivessem sido apresentadas sob esse ponto de vista, haveria muito menos scepticos.

A palavra eterno é muito vezes empregada, na linguagem vulgar, como figura, para designar uma coisa de longa duração e cujo termo não se prevê, ainda que se saiba muito bem que esse termo existe. Dizemos, por exemplo, os gelos eternos das

altas montanhas, ou dos polos, ainda que saibamos, por um lado, que o mundo physico pôde ter um fim, e por outro, que o estado dessas regiões pôde mudar pelo deslocamento normal do eixo ou por um cataclysmo. A palavra eterno, neste caso, não quer dizer infinitamente perpetuo. Quando soffremos uma longa enfermidade, dizemos que o nosso mal é eterno; que ha pois de extraordinario que espiritos soffredores por annos, seculos, e mesmo milhares de annos, falem desse modo? Não esqueçamos sobretudo que não lhes permittindo a sua inferioridade ver o termo da jornada, elles creem que soffrerão sempre, e que é esta a sua punição.

Além de tudo, a doutrina do fogo material, das fornalhas e torturas imitadas do Tartaro do paganismo, esta hoje completamente abandonada pela alta theologia; só nas escolas esses pavorosos quadros allegoricos são ainda mostrados como verdades positivas por alguns homens mais zelosos do que esclarecidos e isto bem erradamente, porque essas tenras imaginações, uma vez refeitas do seu terror, poderão ir augmentar o numero dos incredulos. A theologia reconhece hoje que a palavra *fogo* foi empregada em sentido figurado, devendo-se entendel-a por fogo moral (974). Aquelles que tenham seguido, como nós, as peripecias da vida e soffrimentos d'além-tumulo, nas communições espiritas, ter-se-ão convencido que embora esses soffrimentos nada tenham de materiaes, não são por isso menos pungentes. A respeito mesmo da sua duração, certos theologos começam já a admittir-a no sentido restrictivo acima indicado e pensam que, com effeito, a palavra eterno pôde entender-se em relação ás penas em si mesmas, como consequencia de uma lei immutavel, e não á sua applicação a cada individuo. No dia em que a religião admittir esta interpretação, assim como algumas outras que são igualmente a consequencia do progresso das luzes, chamará de novo a si muitas ovelhas transviadas.

### Resurreição da carne

1010. O dogma da resurreição da carne é a consagração do da reincarnação ensinado pelos espiritos?

«Como quereis que seja de outro modo? Dá-se com essas palavras o mesmo que com outras, que não parecem desarrazoadas aos olhos de certas pessoas senão porque as tomam ao pé da letra, e é por esse motivo que ellas conduzem á incredulidade; mas dae-lhes

uma interpretação mais logica, e aquelles que chamaes livres pensadores admittit-as-ão sem difficuldade, precisamente porque são pessoas que reflectem; pois que, não vos enganeis, esses livres pensadores nada mais querem senão crêr; como os outros, ou talvez ainda mais do que os outros, elles têm sede de um futuro, mas não podem admittir o que vae de encontro ao ensino da sciencia. A doutrina da pluralidade das existencias é conforme a justiça de Deus; só ella pôde explicar o inexplicavel; como querieis que esse principio não existisse na religião?»

— Assim, a mesma Igreja, pelo dogma da resurreição da carne, ensina a doutrina da reencarnação?

«E' evidente; essa doutrina é igualmente a consequencia de muitas coisas que têm passado despercebidas e que não tardará sejam comprehendidas neste sentido; em breve se reconhecerá que o Espiritismo resalta a cada passo do proprio texto das Escripturas sagradas. Os espiritos não vêm destruir a religião, como alguns pretendem; vêm, ao contrario, confirmal-a, sancional-a por provas irrecusaveis; como, porém, é chegado o tempo de não mais se empregar uma linguagem figurada, elles exprimem-se sem allegorias e dão ás coisas um sentido tão claro e preciso que não possa estar sujeito a falsas interpretações. Eis porque dentro de pouco tempo tereis mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que tendes hoje.»

S. LUIZ.

A sciencia, com effeito, demonstra a impossibilidade da resurreição segundo a ideia vulgar. Si os restos do corpo humano se conservassem homogneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda se poderia conceber a sua reunião em dado tempo; mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigenio, hydrogenio, azote, carbono, etc.: pela decomposição, esses elementos dispersam-se, mas para entrarem na formação de novos corpos; de maneira que a mesma molecula de carbono, por exemplo, pôde entrar na com-

posição de muitos milhares de corpos differentes (só falamos dos corpos humanos, não contando os dos animaes); tal individuo tem talvez no corpo moleculas que pertenceram aos homens das primeiras edades; essas mesmas moleculas organicas que observaes na vossa nutrição, provêm talvez do corpo de um outro individuo que tenhaes conhecido e assim por diante. Existindo a materia em quantidade definitiva, e sendo as suas transformações indefinitas, como poderia qualquer desses corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? Ha nisto impossibilidade material. Racionalmente não se pôde pois admittir a resurreição da carne sinão como figura symbolisando o phenomeno da reencarnação, e então nada conterà que abale a razão ou esteja em contradição com os dados da sciencia.

E' verdade que, segundo o dogma, essa resurreição só deve ter logar no fim dos tempos, ao passo que, segundo a doutrina espirita, ella tem logar todos os dias; mas não ha ainda nesse quadro do juizo final uma grande e bella figura que occulta, sob o véo da allegoria, uma dessas verdades immutaveis que deixará de encontrar scepticos quando fór restabelecida na sua verdadeira significação? Medite-se bem sobre a theoria espirita relativamente ao futuro das almas e á sua sorte depois das differentes provações por que passam, e ver-se-á que, á excepção da simultaneidade, o juizo que as condemna ou absolve não é uma ficção, como pensam os incredulos. Observemos ainda que ella é a consequencia da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admittida, ao passo que, segundo a doutrina do juizo final, a terra é considerada o unico planeta habitado.

### Paraizo, inferno e purgatorio

1011. Ha alguns logares circumscriptos no universo destinados aos soffrimentos e aos gozos do espirito, segundo os seus merecimentos?

«Já respondemos a essa pergunta. As penas e os gozos são inherentes ao grau de perfeição dos espiritos; cada qual encontra em si mesmo o principio da sua propria felicidade ou infelicidade; e como estão por toda a parte, não ha logar algum vedado e circumscripto destinado a um ou outro desses estados. Quanto aos espiritos incarnados, esses são mais ou menos felizes ou infelizes, consoante o estado de adiantamento dos mundos em que se achavam.

— Neste caso o inferno e o paraizo, taes como os homens os representam, não existem?

«São apenas figuras; ha por toda a parte espiritos felizes e infelizes. Entretanto, como tambem dissemos, os espiritos da mesma ordem reúnem-se por sympathia; mas quando perfeitos podem reunir-se onde quizerem.»

A localização absoluta dos logarés de penas e recompensas só existe na imaginação dos homens; provém da sua tendencia para *materializar e circumscripter* as coisas cuja essencia infinita não podem comprehender.

1012. Que devemos entender por *purgatorio*?

«Dores physicas e moraes: é o tempo da expiação. E' quasi sempre sobre a terra que fazeis o vosso purgatorio e que Deus vos faz expiar as vossas culpas.»

O que o homem chama *purgatorio* é tambem uma figura pela qual se deve entender, não qualquer local determinado, mas o estado dos espiritos imperfeitos que se acham em expiação até á purificação completa que os ha de levar á ordem dos espiritos bemaventurados. Operando-se essa purificação nas diversas encarnações, o purgatorio consiste nas provações da vida corporal.

1013. Como é que espiritos cuja linguagem revela superioridade, responderam a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatorio, de conformidade com a ideia que delles se faz vulgarmente?

«Os espiritos falam uma linguagem que possa ser comprehendida pelas pessoas que os interrogam; quando essas pessoas estão muito imbuídas de certas ideias, elles não as querem contradizer mui bruscamente para não as melindrarem nas suas convicções. Si um espirito fosse dizer a um musulmano, sem precauções oratorias, que Mahomet não foi propheta, seria muito mal recebido.»

— Concede-se que procedam assim os espiritos que nos querem instruir; mas porque razão alguns espiritos, ao serem interrogados sobre a sua situação, respondem que estão soffrendo as torturas do inferno ou do purgatorio?

«Quando são inferiores, e não completamente desmaterializados, conservam uma parte das suas ideias terrestres, e exprimem as impressões pelos termos que lhes são familiares. Acham-se num meio que lhes não permite senão em parte sondar o futuro; é esta a causa de, muitas vezes, os espiritos errantes ou recentemente desincarnados falarem nos termos em que falavam quando vivos. *Inferno* póde-se traduzir por uma vida de provações extremamente penosa, com incerteza de outra melhor: *purgatorio*, por uma vida tambem de provações, mas com a consciencia de melhor futuro. Quando experimentaes uma grande dôr não dizeis tambem que soffreis qual condemnado? São apenas palavras, sempre em sentido figurado.»

1014. Que se deve entender por alma penada?

«Uma alma errante e soffredora, incerta do seu futuro, e á qual podeis prestar o allivio que muitas vezes ella solicita ao vir communicar-se convosco.» (664).

1015. Em que sentido devemos entender a palavra *céo*?

«Pensaes que é algum local, como os campos Elyseos dos antigos, onde todos os bons espiritos se achem promiscuamente reunidos, sem outro cuidado que o de gozar uma felicidade passiva durante a eternidade? Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde os espiritos gozam plenamente das suas faculdades, sem terem as tribulações da vida material nem as angustias inherentes á inferioridade.»

1016. Alguns espiritos dizem habitar o 4.º, o 5.º céo, etc.; que entendem elles por isso?

«Vós lhes perguntaes que céo habitam, porque tendes a ideia de varios céos sobrepostos como os andares de uma casa, e elles respondem então segundo a vossa linguagem; mas, para elles, as palayras 4.º ou 5.º céo exprimem differentes graus de depuração e, por consequencia, de felicidade. E' exactamente como quando se pergunta a um espirito si está no inferno; si elle é infeliz, dirá que sim, porque, para elle, *inferno* é synonymo de soffrimento: mas elle sabe muito bem que o inferno a que se refere não é uma fornalha. Um pagão diria que estava no *Tartaro*.

Dá-se o mesmo com outras expressões analogas, taes como: cidade das flores, cidade dos celeitos, primeira, segunda ou terceira esphera, etc., que são simplesmente allegorias empregadas por certos espiritos, ou seja como figuras, ou seja ás vezes por ignorancia da realidade das coisas, e mesmo das mais simples noções scientificas.

Segundo a ideia restricta que outr'ora se fazia dos logares de penas e recompensas, e sobretudo na opinião de que a terra era o centro do universo, que o céo formava uma abobada e que havia uma região das estrellas, collocava-se o *céo em cima e o inferno em baixo*; dahi as expressões: subir ao céo, estar no mais alto dos céos, ser precipitado nos infernos, etc. Hoje, que a sciencia demonstrou ser a terra apenas um dos mais pequenos mundos entre tantos milhões de outros, sem importancia especial; que traçou a historia de sua formação e descreveu a sua constituição; que provou ser o espaço infinito e não haver alto nem baixo no universo, era necessario renunciar á ideia de collocar o céo acima das nuvens e o inferno nos mais baixos logares. Quanto ao purgatorio, nenhum local lhe tinha sido assignado. Estava reservado ao Espiritismo dar sobre todas essas coisas a mais racional explicação, a mais grandiosa e, ao mesmo tempo, a mais consoladora para a humanidade. Assim pôde-se dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraizo; quanto ao purgatorio encontramos-o na incarnação, nas vidas corporaes ou physicas.

1017. Em que sentido devemos entender as palavras do Christo: O meu reino não é deste mundo?

«Respondendo assim, o Christo falava em sentido figurado. Queria dizer que só reinava nos corações

puros e desinteressados. Elle está em todo o logar onde domine o amor do bem; mas os homens, ávidos das coisas deste mundo e apegados aos bens da terra, não estão com elle.»

1018. O reinado do bem poderá algum dia estabelecer-se na terra?

«O bem reinará sobre a terra quando, entre os espiritos que venham habital-a, os bons sobrepujarem aos maus; então elles farão com que ahi reine o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. E' pelo progresso moral e pela pratica das leis de Deus que o homem attrahirá á terra os bons espiritos e afastará della os maus; porém, os maus não a deixarão senão quando estiverem banidos della o orgulho e o egoismo.

«A transformação da humanidade foi predita, e vós chegaes a esse momento que todos os homens auxiliares do progresso apressam; ella ha de effectuar-se pela incarnação de espiritos melhores, que constituirão na terra uma nova geração. Então, os espiritos dos maus, que a morte ceifa todos os dias, e todos os que tentam deter a marcha das coisas, serão dahi excluidos, pois do contrario ficariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar missões *penosas*, onde poderão trabalhar para o proprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão para o adiantamento de seus irmãos ainda mais atrasados. Não vêdes nesta exclusão da terra transformada a sublime figura do *paraizo perdido*, e no homem que vem á terra em semelhantes condições, trazendo em si o germen das suas paixões e os traços da sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do *peccado original*? O peccado original, considerado sob este ponto de vista, está na natureza ainda imperfeita do homem, que não é assim responsavel senão por si e pelas proprias faltas, e não pelas dos paes.

« Vós todos, homens de fé e boa vontade, trabalhac, portanto, com zelo e coragem na grande obra da regeneração, pois colhereis centuplicadamente o grão que houverdes semeado. Ai daquelles que fecham os olhos á luz, pois preparam para si longos seculos de trevas e decepções; ai daquelles que fazem consistir todos os prazeres nos bens deste mundo, pois soffrerão mais privações do que tiveram de gozos; sobretudo, ai dos egoistas, porque não acharão quem os ajude a carregar o fardo das suas misérias. »

S. LUIZ.

## CONCLUSÃO

### I

Aquelle que, em materia de magnetismo terrestre, apenas conhecesse os movimentos dos patinhos que, sujeitos á acção do iman, movem-se sobre a agua de uma bacia, difficilmente poderia comprehender que esse b'inquedo de creanças encerrasse o segredo do mecanismo do universo e do movimento dos mundos. Dá-se o mesmo com aquelle que do Espiritismo só conhece o movimento das mesas: não vê nisso senão um divertimento, um passatempo familiar, e não comprehende que esse phenomeno, tão simples e vulgar, conhecido da antiguidade e mesmo dos povos semi-selvagens, possa prender-se ás mais graves questões de ordem social. Para o observador superficial, com effeito, que relação pôde ter uma mesa, que volteia, com a moral e o futuro da humanidade? Mas aquelle que reflecte lembra-se que, da simples caldeira que ferve e cuja tampa se levanta, caldeira que tambem ferveu do mesmo modo desde remota antiguidade, sahiu o poderoso motor com que o homem hoje transpõe o espaço e supprime as distancias. Pois bem? Vós que não acreditaes em coisa alguma além do mundo material, ficae sabendo que dessa mesa, que gira e provoca o vosso sorriso desdenhoso, sahiu toda uma sciên-